

Deixar o Mercosul é uma possibilidade, diz chanceler

Ernesto Araújo critica discurso 'bolivariano' e economia fechada

Por Daniel Rittner — De Brasília

25/11/2019 05h00 - Atualizado há 9 horas



Uma sequência de tuítes de Paula Español, conselheira econômica do presidente eleito Alberto Fernández e cotada como futura secretária de Comércio Exterior da Argentina, deixou o chanceler brasileiro Ernesto Araújo ainda mais temeroso do que vem pela frente no Mercosul.

Em postagens, Paula elogia o comércio administrado, remetendo às medidas protecionistas tomadas pelo governo de Cristina Kirchner (2007-2015). Diz que a inserção argentina no mundo deve ser feita sem dogmatismos, condena um suposto fetiche pela abertura comercial e critica o acordo União Europeia-Mercosul. Em outras postagens, comemora “Lula Livre” e lamenta o “golpe de Estado” na Bolívia. Moral da história? Há duas dimensões paralelas, segundo o ministro das Relações Exteriores, na condução de governos esquerdistas na América do Sul: uma é a dimensão da economia fechada, protecionista, estatizante; outra é a dimensão bolivariana, de um eixo Havana-Caracas-Foro de São Paulo. “São dois braços do mesmo corpo, que pertencem à mesma cabeça”, afirma.

“Uma coisa é política econômica mais fechada ou política externa que rejeite os Estados Unidos. Outra é quando se começa a ver - e todos os sinais vão nessa direção - que se trata de um projeto político regional, hemisférico, continental. É uma realidade, procuramos não esconder a cabeça na areia. As pessoas olhavam muito à altura do chão. Aí viam apenas a Argentina, a Bolívia, a Venezuela. Levantando a cabeça, percebe-se algo mais amplo, programático e ideológico.”

Em conversa com o **Valor**, na sexta-feira, Araújo disse que o governo Jair Bolsonaro em nenhum momento foi procurado por Fernández ou qualquer auxiliar do presidente eleito - e nem procurou. “Estamos nos preparando para diferentes cenários.”

Um dos cenários, admite, é a ruptura no Mercosul. Está longe de ser o plano A, aponta o ministro, “mas aparentemente há na Argentina uma visão profunda que vai contra os postulados básicos do Mercosul”.

“Na nossa transição [de governo], no fim do ano passado, houve dúvidas sobre a utilidade do bloco. Apostamos no Mercosul e isso vinha dando certo com a Argentina do Macri”, afirmou Araújo. “Não podemos dizer que é um projeto inquestionável. Que vai durar para sempre. acontecerá o que acontecer. O Mercosul não é apenas um nome, uma bandeira hasteada. Se o projeto é desvirtuado, precisa ser repensado.”

Na frente comercial, depois dos acordos alcançados com a UE e com o EFTA (bloco formado por Suíça, Noruega, Islândia e Liechtenstein), há boas perspectivas de se chegar a um entendimento com Canadá e Cingapura em 2020. E o chanceler já avisa: “Uma eventual - eventual, possível ou provável - retração da Argentina não nos afetará. O Brasil irá em frente individualmente, vamos explorar as flexibilidades.”

Da mesma forma, segundo ele, o primeiro-ministro do Japão, Shinzo Abe, demonstrou interesse em um diálogo exploratório para identificar a conveniência de negociações comerciais com o Mercosul. Poderia ser simplesmente com o Brasil, dependendo dos rumos do bloco.

Nos dias 4 e 5, em Bento Gonçalves (RS), haverá a última reunião de cúpula presidencial do Mercosul com participação de Mauricio Macri. Ainda na primeira quinzena de dezembro, Araújo embarca para sua primeira viagem oficial à África. Visitará Cabo Verde, Angola, Nigéria e Senegal. “Queremos trabalhar muito mais com a África e precisamos reconfigurar nossa presença econômica no continente, que era essencialmente baseada nas construtoras e se retraiu com a Lava-Jato”, afirmou.